

A CONEXÃO ENTRE REFLEXÃO FILOSÓFICA E PESQUISA SOCIAL EMPÍRICA COMO *PRÁXIS* NA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE*

Deborah Christina Antunes**

Resumo: A Teoria Crítica nasceu da reformulação da relação entre a filosofia e pesquisa social empírica, no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, em 1931, quando Horkheimer defendeu a reorientação da agenda de pesquisa do Instituto, bem como a substituição de sua abordagem pelo que ficou conhecido como materialismo interdisciplinar. Ele conectou reflexão teórica, baseada no marxismo filosófico, e ciência social empírica, em resposta a outras interpretações do marxismo ortodoxo. Desde as primeiras pesquisas e elaborações teóricas do Instituto nessa época, Horkheimer e Adorno manifestaram sua preocupação com o destino da humanidade – e a junção entre teoria social e pesquisa dizia respeito a tal preocupação. Horkheimer deixou isso claro no prefácio de *The Authoritarian Personality*, onde defendeu a articulação entre a pesquisa e os interesses do Instituto e sua preocupação com a emancipação humana - desenvolvida a partir de uma análise cientificamente honesta do mundo material. Foi Adorno, contudo, no contato com a experiência científica norte-americana que, apesar de sua rejeição inicial da pesquisa empírica, reformulou seu conceito sobre ela, desenvolvendo uma teoria dialética da primazia do objeto, a partir da qual a possibilidade de uma teoria crítica como *práxis* se torna clara. O objetivo deste trabalho é mostrar o contexto da relação entre Teoria Crítica e pesquisa social empírica e como um compromisso

com a *práxis* é parte integrante da mediação desta.

Palavras-chave: Teoria Crítica; pesquisa social empírica; Escola de Frankfurt; Adorno, T.W.; Horkheimer, M.

Resumen: Teoría Crítica nació de la refundición de la relación entre la filosofía y la investigación social empírica en el Instituto de Investigación Social de Frankfurt en 1931, cuando Horkheimer argumentaba para la reorientación de la agenda de investigación del Instituto, así como la sustitución de su enfoque por lo que se conoce como materialismo interdisciplinario. Conectó la reflexión teórica, basada en las ciencias sociales marxistas filosófica y empírica, en respuesta a otras interpretaciones del marxismo ortodoxo. En sus investigaciones y elaboraciones teóricas, Horkheimer y Adorno expresaron su preocupación por el destino de la humanidad. Horkheimer dejó claro en el prefacio de *La personalidad autoritaria*, que abogaba por el vínculo entre la investigación y los intereses del Instituto y de su preocupación por la emancipación humana - desarrollado a partir

*Artigo derivado de pesquisa de doutorado com período sanduiche (Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar, e University of California at Berkeley, sob a supervisão do Prof. Dr. Martin Jay), financiada pela CAPES/CAPES PDEE.

** Professora da Universidade Federal do Ceará.

de un análisis científico honesto del mundo material. Adorno fue, sin embargo, en contacto con la experiencia científica estadounidense, quien, a pesar de su rechazo inicial de la investigación empírica, renovó su concepto sobre el mismo, el desarrollo de una teoría dialéctica de la primacía del objeto, de la que la posibilidad de una teoría crítica como praxis se vuelve claro. El objetivo de este trabajo es mostrar el contexto de la relación entre la teoría crítica y empírica y como un compromiso con la práctica de la investigación social es una parte integral de esta mediación.

Palabras clave: Teoría Crítica; pesquisa social empírica; Escuela de Frankfurt; Adorno, T.W.; Horkheimer, M..

Introdução

O que conhecemos hoje por Teoria Crítica nasceu de uma reformulação da relação entre Filosofia e pesquisa social empírica no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt sob a direção de Max Horkheimer a partir de 1931. Em sua aula inaugural, Horkheimer (1995) apresentou seu plano para conduzir a pesquisa no Instituto, através do que ficou conhecido como materialismo interdisciplinar. Naquele momento, sua intenção era compreender a contradição entre o desenvolvimento técnico, científico e industrial da sociedade e a miséria humana reinante. O tema central de

pesquisa seria o problema da conexão entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as mudanças que ocorrem da esfera cultural (Horkheimer, 1995). A abordagem interdisciplinar era parte integral de seus planos. De acordo com os argumentos de Horkheimer, nem a Filosofia, nem as Ciências Particulares alcançaram um estado no qual poderiam, sozinhas, compreender as contradições sociais e responder questões contemporâneas tais como o problema da consciência/falsa-consciência da classe trabalhadora alemã e suas ações políticas na época.

Ao fazer isso, Horkheimer considerou tais questões não apenas da perspectiva da Filosofia, mas também da Sociologia, Economia e Psicologia, em busca de uma pesquisa social filosoficamente orientada. Seguindo a tradição da dialética marxista¹, ele

¹ Marx propõe, na juventude, uma ciência do homem capaz de unificar-se com as ciências da natureza e, na maturidade, uma ciência da história que tem um papel também unificador. Em ambos os contextos a Filosofia aparece como algo a ser superado. Horkheimer atribui a ela outro papel no âmbito da pesquisa interdisciplinar, na medida em que enfatiza a práxis necessariamente presente em uma teoria crítica materialista e dialética. Essa problemática não pode ser separada da

buscou a inclusão dialética dos problemas sociais no processo empírico, tentando solucionar o que ele apontou como uma falha tanto na Filosofia, quanto nas Ciências especializadas:

A relação entre as disciplinas filosóficas e cada disciplina científica individual correspondente não pode ser entendida no sentido de que a filosofia trata os problemas decisivos e constrói teorias não contestáveis pelas ciências experimentais, sendo seus próprios conceitos de realidade sistemas que abarcam a totalidade, enquanto, ao contrário, a pesquisa empírica recolhe os seus dados particulares através de um trabalho longo e tedioso, que se fragmenta em milhares de problemas parciais, para não chegar senão ao caos da especialização. Essa concepção, segundo a qual o pesquisador deve considerar a filosofia talvez como um belo exercício, mas cientificamente infrutífero, porque inverificável, enquanto o filósofo deve se emancipar da pesquisa particular, acreditando que mesmo as mais importantes decisões não podem esperar os seus resultados, está superada atualmente pela ideia de uma contínua interpenetração e desenvolvimento dialéticos entre a teoria

filosófica e a prática da ciência particular (HORKHEIMER, 1999, p. 128).

Horkheimer entendia que as análises realizadas pelas ciências especializadas não poderiam ser consideradas um conhecimento completo, mas seus resultados deveriam servir para ajudar a expor os objetos sociais de pesquisa. Sua tentativa era superar os limites das ciências especializadas e organizar seus resultados reconstruindo o objeto de pesquisa em seu processo histórico concreto. Foi uma tentativa de unificar ciência e filosofia na tradição de Hegel e Marx. Conforme Dubiel (1985, p.31), esse era

[...] um projeto para uma super-ciência interdisciplinar, materialista, capaz de integrar teórico e empírico. Ao contrário da ciência especializada burguesa, e em oposição ao cientificismo socialista de Kautsky e Stalin, essa ciência projetada funcionaria em tal alto grau de teoria, método e pesquisa que sua distância da práxis social seria obsoleta por seus próprios padrões imanentes.

Apesar de estar enraizada nos planos de Horkheimer, a presença da pesquisa social empírica na história da Escola de Frankfurt tem sido vista

crítica que Lukács faz, já em *História e Consciência de Classe*, às ciências particulares como formas de consciência coisificada.

de modo controverso. Jeffrey K Olick e Andrew J. Perrin (2010), em sua introdução a *Guilt and Defese*, mostram como a pesquisa empírica conduzida nos Estados Unidos pelos membros do Instituto foi interpretada de modo errôneo. De acordo com ele, algumas interpretações sugerem que Theodor Adorno foi forçado, durante o exílio, a incorporar o empirismo (ainda que sem sucesso), e o abandonou assim que voltou à Alemanha. Em outra interpretação, Adorno teria realizado aproximações descontínuas da empiria, tanto de modo prático, quanto em suas reflexões teóricas, tendo-a abandonado definitivamente no fim de sua vida. Em *Before the Public Sphere*, Olick e Perrin (2011) novamente argumentam que, de modo problemático “A Escola de Frankfurt de teóricos críticos – principalmente Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, e Leo Löwenthal – não é conhecida principalmente como um grupo de cientistas sociais guiado empiricamente”.

A razão para essas interpretações é parcialmente apontada por Thomar Wheatland (2009). Em *The Frankfurt School in Exile*, o autor

mostra que a integração do Instituto na América foi problemática na medida em que sua conexão com a Universidade de Colúmbia não atingiu as expectativas. Segundo Wheatland, Erich Fromm apresentou o Instituto para Colúmbia como um grande centro de pesquisa, e ele foi integrado ali com a expectativa de desenvolver seu departamento de Sociologia – o que não aconteceu por várias questões circunstanciais. Wheatland (2009) argumenta que o projeto de materialismo interdisciplinar de Horkheimer falhou, e que *The Authoritarian Personality* – que supostamente seria a única pesquisa realmente realizada nos EUA pelo Instituto² em conjunto com instituições americanas – foi em certa medida a assimilação da Teoria Crítica à ciência social pragmática americana.

Como pode ser observado nessas interpretações, a aproximação

² Ao mesmo tempo dos *Studies in Prejudice*, outra pesquisa foi realizada pelos membros do Instituto sobre o antissemitismo entre os trabalhadores americanos. Ver Worrell, Mark P. *Dialectic of solidarity: labor, antisemitism, and the Frankfurt School* (Chicago: Haymarket Books, 2009), e Ziege, Eva-Maria. *Antisemitismus und Gesellschaftstheorie: die Frankfurter Schule im amerikanischen Exil* (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009).

do Instituto da pesquisa empírica é vista como contraditória e – por isso – problemática. Paradoxalmente, é frequente que as pesquisas realizadas pelos membros do Instituto sejam ignoradas. Baseando-se apenas em seus livros teóricos, Horkheimer e Adorno são vistos por muitos acadêmicos como pensadores essencialmente teóricos, ou pessimistas, críticos da cultura e da civilização, que negaram qualquer contato com a práxis social. Como Ryan Drake (2000, p.99) apontou: “dada a prevalência de ceticismo nesse ponto, deveríamos dificilmente achar surpreendente que a melhor parte da literatura acadêmica contemporânea que trata de Adorno foca principalmente em seu trabalho sobre teoria estética ou o tipo de crítica cultural empregada na *Dialética do Esclarecimento* e em *Prismas*”. Mas, o que não pode ser ignorado é que muito da práxis política – já existente teoricamente – é a principal razão de ser das pesquisas sociais empíricas do Instituto; a qual não deveria abandonar a teoria, mas manter a tensão com ela.

De acordo com Olick e Perrin (2010, p.4), tais interpretações se ba-

seiam em uma “crença errônea que ele [Adorno] simplesmente desdenhava isso [empirismo]”, e “mesmo muitos que são relativamente bem informados sobre Adorno não são bem versados nos aspectos científico-sociais de sua obra, os quais são bastante negligenciados mesmo pela literatura secundária sobre ele.” (OLICK; PERRIN, 2010, p.11). O que é importante notar é que, a despeito das várias críticas que Adorno fez à sociologia do seu tempo, suas objeções não eram contra a pesquisa empírica *per se*. Ao contrário, suas objeções eram voltadas à prática de estudar a “variação aparente no seio da sociedade e, portanto, ignorar a totalidade, o caráter da própria sociedade” (OLICK; PERRIN, 2010, p.16). Como indicou Wheatland (2009, p. 345), “contanto que o empirismo não tome o *status quo* como garantido e ajude os teóricos sociais no questionamento da sociedade existente, o empirismo continua uma ferramenta útil para os sociólogos críticos”.

Para os tradutores de *Guilt and Defense*, a pesquisa empírica não era apenas parte de um projeto para uma Teoria Crítica da Sociedade, mas

intrínseca a ela, como uma teoria que não se baseia apenas no teorizar ele mesmo, mas “em uma grande quantidade de análise empírica” (OLICK; PERRIN, 2010, p.08). Um bom exemplo dado por Olick e Perrin é o artigo de Adorno (2010a) “The meaning of working through the past”. Esse artigo teórico foi desenvolvido em um debate com Peter Hofstätter sobre desnazificação, os desafios de uma nova democracia e a elaboração do passado como uma forma necessária de educação. Nesse artigo, Adorno parece diagnosticar uma onda de vandalismo antissemita que ocorreu na Alemanha em 1959. O que a maioria dos pesquisadores não sabe é que o diagnóstico de Adorno não se baseou apenas em pontos de vista teóricos, mas num conjunto de análises empíricas com as quais esteve envolvido por um longo tempo, incluindo o *Group experiment*, realizado por ele, Pollock e colaboradores em 1955 na Alemanha. Na verdade, as origens de “The meaning of working through the past” deveriam ser buscadas “não apenas no *Group experiment*, mas ao menos tão longe quanto 1950, em

The Authoritarian Personality (ADORNO et al, 1969), nas análises de Adorno do Nacional-socialismo como uma expressão do narcisismo e mesmo em sua pesquisa para Paul Lazarsfeld sobre música no rádio” (OLICK; PERRIN, 2010, p.12).

Além disso, é importante considerar que mesmo em trabalhos teóricos apontados como incompatíveis com a pesquisa empírica pode-se encontrar a marca de realização desta. As pesquisas sobre o preconceito, realizadas pelo Instituto na década de 1940, são referidas no prefácio da *Dialética do Esclarecimento*, quando Adorno e Horkheimer afirmam que as reflexões que compõem capítulo sobre os “Elementos do Antissemitismo” estão ligadas de modo direto “a pesquisas empíricas do *Instituto para Pesquisa Social*”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 16). Ademais, não é difícil encontrar, em *The authoritarian personality*, indicações das discussões realizadas na *Dialética do Esclarecimento*. (ANTUNES, 2014).

Rodrigo Duarte compartilha essa ideia, e afirma que os projetos de pesquisa empírica realizados pelos

membros do Instituto durante os anos 1940 e 1950 não apenas poderiam, mas deveriam ser compreendidos em conexão com a postura filosófica dos autores. Para Duarte, via de regra, a falta de mediação entre os trabalhos empíricos e filosóficos da Escola de Frankfurt não é nada mais do que uma deficiência na leitura desses trabalhos, e não intrínseco à própria Teoria Crítica. As conexões entre os artigos teóricos de Adorno e seus trabalhos empíricos, assim como seu contexto histórico, político e científico-social devem ser reconstruídos.

Práxis como razão moral para a pesquisa social empírica

A relação entre teoria e práxis, assim como a conexão do “Projeto de pesquisa sobre o antissemitismo” com os primeiros planos de Horkheimer para o Instituto, pode ser observada em sua introdução ao próprio “Projeto”. Seu objetivo ao escrever tal introdução era “ajudar a esclarecer a concepção de uma pesquisa social crítica” e apresentar “os pontos de vista metodológicos predominantes dessa aproximação” (HORKHEIMER, 1941, p.121). Entre os princípios

metodológicos mais importantes estava a preocupação com os problemas políticos.

A intensão crítica de Horkheimer é apresentada como a renúncia da Teoria Crítica de um desdém cético com respeito aos juízos de valor; tentando, ao mesmo tempo, evitar um dogmatismo normativo. Para Horkheimer (1941), os juízos de valor não são simplesmente um problema metodológico, mas político: sem eles, todos os dados coletados seriam eles mesmos autoritários e apareceriam como a única verdade existente. Tal ciência é ideológica e não contribui para a construção de uma sociedade mais humanista. Preocupada com a transformação social, a Teoria Crítica tenta superar esse ceticismo, mas sem ser idealista ou metafísica.

Contudo, como pode uma teoria integrar questões morais sem ser utópica? Horkheimer (1941, p. 122) argumenta que uma boa maneira de resolver isso é “relacionando as instituições sociais e atividades aos valores que elas mesmas apontam como seus valores e ideais”. Muitas vezes, tal análise pode expor discrepâncias

entre o que é abertamente assumido e o que é de fato realizado. Nas palavras do autor: “a relação ambivalente entre os valores prevalecentes e o contexto social força as categorias da teoria social a se tornarem críticas e então refletem a falha entre a realidade social e os valores que ela afirma” (HORKHEIMER, 1941, p.122).

Como indicado por Dubiel (1985), para Horkheimer a relação entre ciência e política aparecia de modo explícito na organização de sua pesquisa interdisciplinar. Para ele, ciência tem implicações políticas no conteúdo, na seleção do assunto, na definição do problema e nas técnicas metodológicas. Uma ciência crítica tem que compreender sua própria natureza política, analisá-la por meio da crítica da ideologia e mostrar no trabalho teórico que está consciente de sua capacidade interna de ser politizada. Isso deveria ocorrer em oposição à ciência burguesa, cuja principal característica é separar o pensamento dos movimentos políticos. A crítica de Horkheimer se originou de uma falha existente entre a realidade e o ideal, típica da cultura moderna. Essa falha pode ser encontrada no campo das

Ciências Sociais, em seus resultados e objetos particulares, desde que reflitam a sociedade na qual se situam. Como Horkheimer (1969) afirmou, uma vez que a sociedade moderna é essencialmente contraditória, uma análise desse tipo é benéfica, pois traz luz a essa característica fundamental da sociedade.

Parte do programa de Horkheimer, *The Authoritarian Personality* tem essas características críticas e políticas³. No prefácio ao livro, Horkheimer (1969, p.10) apontou a conexão de tal pesquisa e seu programa ao dizer que “eu não estou pensando em meros arranjos mecânicos que coloquem juntos trabalhos feitos em campos de estudo variados [...], mas a mobilização de métodos e habilidades diferentes, desenvolvidos em campos distintos de teoria e investigação empírica, para um programa de pesquisa comum”. A intenção da pesquisa era “não simplesmente adicionar um pouco mais de resultados empíricos a um campo de informação já extensivo”, mas, ao mostrar o conceito de um tipo de homem “autoritá-

³ Os “Estudos sobre o preconceito” formam uma continuidade em relação às pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt a partir da direção de Horkheimer. Tais pesquisas se iniciaram com os estudos dos trabalhadores alemães, de Erich Fromm em 1929, e tiveram continuidade com os estudos sobre Autoridade e Família em 1931, sob a coordenação de Horkheimer e com os estudos sobre os trabalhadores americanos, coordenados por Horkheimer e Adorno em 1945. Embora a interdisciplinaridade tenha sido almejada e esteja presente em projeto nesses trabalhos, de acordo com Martin Jay (2008), é apenas com *The authoritarian personality* que esse plano ganha corpo e se realiza de uma forma sistemática e mais completa.

rio”, ter implicações práticas e teóricas:

[...] a atividade teórica e a aplicação prática não estão separadas por um abismo intransponível. Muito pelo contrário: os autores estão impregnados com a convicção de que uma elucidação sincera e sistemática de um fenômeno de tal envergadura histórica pode contribuir diretamente para uma melhora na atmosfera cultural na qual o ódio é gerado. (HORKHEIMER, 1969, p.9).

Horkheimer acreditava que trabalhar na raiz dos problemas sociais pode ser uma arma para o desenvolvimento da sociedade, e pode ser decisivo até para mudá-la qualitativamente. Ele esperava que a pesquisa pudesse ter lugar na “história de interdependência entre ciência e o clima cultural” e “abrir novas avenidas em uma área de pesquisa que pode se tornar de significância prática imediata”. Na visão dele, a pesquisa

[...] busca desenvolver e promover um entendimento dos fatores sócio-psicológicos que tornaram possível ao tipo autoritário de homem ameaçar substituir o tipo individualista e democrático que prevalecia há um século e meio de nossa civilização. A análise progressiva desse novo tipo “antropológi-

co” e das condições de seu crescimento, com uma diferenciação científica cada vez maior, irá aumentar as chances de um contrataque genuinamente educacional. (HORKHEIMER, 1969, p.10).

Ele não estava nem afirmando que os resultados da pesquisa teriam aplicação prática imediata, nem que eles sugeririam algum tipo de prescrição para o “tratamento” do preconceito. Ao contrário, o tipo de significância prática a qual Horkheimer se referia tem a ver com um processo de conscientização a respeito de todos os determinantes que operam no preconceito; na medida em que ele poderia ser mitigado por meio da autorreflexão a respeito das próprias influências e situação do indivíduo na sociedade. É por isso que é tão importante, para Horkheimer e também para Adorno, que o objeto de pesquisa seja compreendido mediado em seu próprio processo histórico. Para Adorno et al (1969) não basta saber quantas pessoas são autoritárias em dada sociedade, mas igualmente importante é saber por que elas existem e o que as influencia.

Mediação e primazia do objeto

A metodologia de Horkheimer não deixa que a Teoria Crítica se baseie em generalizações categóricas derivadas da abstração de casos isolados. Categorias – como o conceito de personalidade autoritária – são importantes para Horkheimer apenas na medida em que considerem, em sua formulação, a história do objeto – na medida em que um objeto tem história e está situado na história. Tal historicidade é concebida como a verdadeira gênese do objeto – uma gênese dialética característica de todos os conceitos humanos e sociais. A natureza dialética dos objetos sociológicos pede por uma análise mais ampla que inclui diferentes partes da configuração social. Tal forma de análise tem por objetivo estar de acordo com a intenção crítica de Horkheimer, na medida em que ela não dissolve os conceitos gerais numa multiplicidade factual e empírica. Ao contrário, o tipo de ciência que Horkheimer (1941) estava descrevendo tenta materializar o objeto na análise teórica, que o relaciona com as configurações sociais e com o processo histórico com o qual o ele se apre-

senta numa relação permanente. Horkheimer (1941) estava se referindo a uma formulação de conceitos tanto como processo teórico, quanto como processo empírico, ou como ponderou ele, indutivo e especulativo ao mesmo tempo.

Tal processo indutivo inverte o método indutivo tradicional, o qual verifica suas hipóteses por meio de uma longa coleta de dados até que suas suposições assumam o status de lei universal. Para Horkheimer (1941, p. 123), a “indução na teoria social, ao contrário, deveria buscar o universal dentro do particular, não acima ou além dele, e ao invés de se mover de um particular para outro e então para as alturas da abstração, deveria mergulhar mais e mais fundo no particular e descobrir ali a lei universal”. Uma vez que esse tipo de indução inclui na formulação conceitual os processos histórico e social que afetam o objeto de análise, seu método empírico é também diferente do tradicional, e inclui um momento especulativo; ou, como Adorno (2010b) o chamou, experiência intelectual, o que para ele significa motivação para pensar para além do dado puro.

De acordo com Martin Jay (1985), embora pareçam existir contrastes entre o materialismo interdisciplinar de Horkheimer e a dialética negativa de Adorno, eles são, em alguma medida, ilusórios. Se forem observados, a elaboração de Horkheimer sobre seu método indutivo particular e a reelaboração de Adorno sobre a pesquisa social empírica baseada em sua experiência no exílio, conclui-se que em ambos a primazia dialética do objeto tem um papel essencial. Foi Adorno, contudo, que desenvolveu esse conceito em seus trabalhos tardios.

Logo que Adorno começou a trabalhar no *Radio Research Project* de Paul Lazarsfeld, em 1938, ele elaborou uma metodologia de pesquisa que não considerava indivíduos e suas respostas particulares como a única fonte legítima de conhecimento. Para Adorno (1969), a investigação deveria ilustrar que as relações dos sujeitos – seu gostar e não gostar – não eram tão imediatas e espontâneas como eles pensavam que eram. Tais reações e respostas eram um resultado dos mecanismos

de propaganda, do conteúdo e da forma de difusão do rádio e de estruturas sociais mais amplas. Sua intenção era investigar a esfera limitada do rádio como um tipo de microcosmo que contém todos os problemas, contradições, tensões e tendências que poderiam ser encontrados no todo da sociedade (CARONE, 2003).

No artigo “O fetichismo da música e a regressão da audição”, Adorno (2002) denunciou, ao realizar uma crítica da audição regredida, um tipo de pesquisa administrativa que esconde tal regressão, uma vez que pede por uma opinião já pressuposta. Como ele afirmou:

Se alguém busca encontrar quem “gosta” de uma peça comercial, esse alguém não pode evitar a suspeita de que gostar e não gostar são inapropriados para a situação, mesmo se a pesquisa questionada reveste sua reação dessa forma. A familiaridade com a peça é uma substituta para a qualidade atribuída a ela. Gostar dela é quase a mesma coisa que reconhecê-la. (ADORNO, 2002, p.288).

Embora Adorno tenha trabalhado no *Radio Research* inicialmente como um especialista em música, ele se deparou com um

problema sociológico e filosófico fundamental: a questão da mediação; que o acompanhou mesmo em seus outros trabalhos, como o *Opinion Research and Publicness*, onde ele afirmou a demanda de “que a pesquisa de opinião não se hipostasie ela mesma, que ela não confunda os dados que recolhe com a verdade final imediata, mas permaneça consciente de seu próprio estado de mediação pela estrutura social [...]” (ADORNO, 2011, p.182-183). Ou seja, respostas vistas como primárias, “axiomáticas”/ indubitáveis, não poderiam ser consideradas o conhecimento último, uma vez que eram mediadas em si mesmas. Para Adorno, mediação significa que

[...] opiniões e comportamentos dos sujeitos são sempre algo objetivo, são “dados”. Eles são importantes para as tendências de desenvolvimento de toda a sociedade, se não no mesmo grau como em um modelo sociológico que equaciona de modo absoluto as regras da democracia parlamentar, a *volonté de tours*, com a realidade da sociedade viva. Geralmente, fatores sociais objetivos iluminam as reações subjetivas, mesmo em seus detalhes concretos. (ADORNO, 1969, p.345).

É por isso que Adorno (2011, p. 182) afirmou que a Sociologia deveria ser “uma ciência que investiga as leis estruturais objetivas da sociedade”, e não apenas olha para o comportamento manifesto. Desse modo, Adorno buscou tornar claras as conexões entre o todo e as partes, entre a sociedade e os indivíduos que dela participam e que nela se desenvolvem. Isso era necessário para fazer justiça à natureza do objeto das Ciências Sociais. Baseando-se nisso, ele elaborou a ideia de primazia do objeto, cujos elementos centrais são tanto a contradição entre o objeto e sua ideia, quanto uma contradição interna do objeto. Assim como para Horkheimer, para Adorno tais contradições são a essência da sociedade antagônica existente. Em suas aulas sobre a dialética negativa, Adorno (2010b, p.82) reconheceu que nas ciências sociais e na filosofia tal primazia do objeto pede por uma *Aufhebung* do empírico: “o movimento que estou fazendo aqui, ou ao qual eu gostaria de fazer alguma contribuição e que eu gostaria

de fazer vocês pensarem ser plausível, inclui uma recuperação do empirismo”. Mas é um tipo diferente de empirismo “de um modo um tanto contorcido, dialético” com o momento especulativo como elemento constitutivo, negado pelas filosofias empiristas. Essa *Aufhebung* do empírico é imbuída de uma crítica filosófica necessária que vai além do que pode ser observado superficialmente, e ao fazer isso, ilumina e critica a realidade.

Na mesma direção, em sua *Dialética Negativa*, Adorno argumentou que para alcançar a essência do objeto, é necessário não apenas reconstruí-lo na percepção, mas também refletir sobre ele num processo de objetificação filosófica como “vertical e intratemporal, oposto ao horizontal, abstratamente quantificador da ciência” (ADORNO, 1973, p.47). Para Adorno, o que o objeto revela em sua constelação é o processo histórico e social sedimentado nele; é por isso que se deve considerar que as constelações se modificam de acordo com a dinâmica histórica. Por isso, a própria mediação não deve ser hipostasiada.

Para a Teoria Crítica, estar atento à mediação histórica e social do objeto da ciência social é “dissecar a ideologia” (ADORNO, 2011, p.183) e realizar uma recusa crítica. Essa recusa significa, no contexto das ciências sociais, não apenas rejeitar a permanência de uma ideologia colocada como realidade, mas, ao fazer isso, apontar para uma sociedade modificada.

Pesquisa Social empírica como recusa crítica: o caso de *The Authoritarian Personality*

Como a interdisciplinaridade e a primazia do objeto aparecem nos Estudos sobre o Preconceito e, mais especificamente, em *The Authoritarian Personality?* No prefácio aos Estudos sobre o preconceito, Horkheimer e Samuel Flowerman (1969) apontam que os cinco livros que compõem os estudos “constituem uma unidade, um todo integrado, cada parte da qual ilumina uma ou outra faceta do fenômeno chamado de preconceito” (HORKHEIMER;FLOWERMAN, 1969, p.6). Todos eles foram baseados em um projeto de pesquisa

comum consciente de que “é necessário perseguir uma aproximação interdisciplinar aos problemas de pesquisa” (HORKHEIMER;FLOWERMAN, 1969, p.6).

A intenção dos Estudos era buscar a verdade, guiando-se pelas técnicas mais avançadas das ciências sociais contemporâneas. Três livros discutiam as características que predisõem o homem moderno a reagir de modo hostil para com determinados grupos sociais. Eles tentavam clarificar os fatores psicológicos do preconceito. São eles: *Dynamics of Prejudice* (BETTELHEIM; JANOWITZ, 1950), *Anti-Semitism and emotional disorder* (JAHODA; ACKERMAN, 1950) e *The Authoritarian Personality* (ADORNO et al, 1969). Dois volumes tratavam das circunstâncias sociais que fomentam aqueles fatores psicológicos, *Rehearsal for destruction* (MASSING, 1949) e *Prophets of Deceit* (LÖWENTHAL; GUTERMAN, 1949).

Aqui dar-se-á atenção a *The Authoritarian Personality*, a pesquisa realizada por Adorno e o *Public*

Opinion Study Group da Universidade de Califórnia Berkeley. Essa pesquisa foi composta por procedimentos experimentais que substituíram a ideia inicial exposta no “Research Project on Anti-Semitism” (HORKHEIMER;ADORNO, 1941) de usar um filme para a coleta de dados. Tal ideia inicial não pôde ser realizada devido a problemas financeiros. No lugar do filme, foram realizados vários procedimentos de modo combinado: questionários (escalas de atitudes), testes projetivos e entrevistas. Os procedimentos foram elaborados por Adorno, Sanford, Frenkel-Brunswik e Levinson. De acordo com Wiggershaus (2006), o trabalho com esses pesquisadores era a alternativa menos custosa financeiramente, e eles eram um grupo dentre aqueles nos EUA cujas ideias melhor se integravam às de Horkheimer e do Instituto.

Ao integrar tais instrumentos com a análise crítica, a pesquisa sobre a personalidade autoritária ajudou a sociologia a superar uma de suas maiores dificuldades, “a ruptura entre os achados estatísticos de validade geral e os métodos específicos que

produzem o acesso à essência do indivíduo e à dinâmica de seu comportamento” (FRANKFURT, 1972, p.177). É impossível não lembrar aqui da intenção de Horkheimer para o Instituto, que era, ao usar as mais avançadas técnicas de pesquisa, superar sua ruptura com o pensamento crítico. É também inevitável considerar a primazia do objeto. Como Adorno *et al.* afirmaram, “um momento subjetivo, ou que pode ser chamado especulativo, tem um lugar nesse método, assim como tem na Psicanálise, da qual muita de nossas categorias foram derivadas” (1969, p.604).

Em *A Personalidade Autoritária* isso ocorreu na preparação de procedimentos metodológicos que permitiram a interpenetração de rigor lógico – compatível com a ideia de ciência – e flexibilidade expressiva⁴ – para compreender o objeto em sua singularidade. As questões elaboradas estatisticamente não permitiram

⁴ Para aprofundamento do sentido de “flexibilidade expressiva” consultar o capítulo “Teoria Crítica como dialética negativa: por uma *Aufhebung* do empirismo” em Antunes (2014).

apenas análises numéricas, elas também identificaram as forças existentes na dinâmica psicológica dos sujeitos. Um exemplo é a construção das escalas. Baseadas no método Likert, as escalas usadas nos questionários permitiram a mudança do qualitativo ao quantitativo e vice-versa. As afirmações às quais os sujeitos deveriam concordar ou discordar foram formuladas atentando-se para os princípios da psicologia individual e para o clima cultural existente nos Estados Unidos na época.

A maior parte do preconceito como se pode encontrar nos negócios, em casa, e na interação social geral é *pseudodemocrática*, ao invés de *abertamente antidemocrática*; essa distinção tem um papel importante na análise da ideologia antissemita que guiou a construção das escalas e a formulação dos itens. Uma ideia pode ser considerada abertamente antidemocrática quando se refere ao ódio ativo, ou à violência que tem o objetivo direto de exterminar um grupo minoritário ou de colocá-lo permanentemente em uma situação subordinada. Uma ideia pseudodemocrática, por outro lado, é aquela na qual a hostilidade contra um grupo é de alguma forma

temperada e disfarçada por meio de um compromisso com ideais democráticos.

Afirmações pseudodemocráticas sobre os Judeus são frequentemente introduzidas por frases de qualificação que negam hostilidade ou que tentam demonstrar a atitude democrática do orador, p.ex. “Não é que eu seja preconceituoso, mas...”, “Os judeus têm os direitos deles, mas...” (ADORNO et al. 1969, p.60).

Ao aceitar tais ideias como um todo, os sujeitos mostraram sua tendência à estereotipia e à baixa capacidade para experiência individual. Os resultados mais importantes do estudo não foram os dados estatísticos, que mostravam a porcentagem de pessoas “preconceituosas” nos Estados Unidos, *mas uma elucidação de como a estereotipia opera de acordo com a psicologia humana e às tendências sociais e suas propagandas: eles mostraram a constelação do preconceito*. É esse exatamente o ponto crítico dessa pesquisa: não tomar os fatos brutos como garantidos, não aceitá-los como dados, mas analisar os determinantes subjetivos e objetivos do fenômeno

social, como o preconceito.

Considerações Finais

A pesquisa empírica tem um papel essencial na Teoria Crítica. Ela não era apenas um elemento dos planos de Horkheimer para o Instituto, mas foi vital para o desenvolvimento da própria Teoria Crítica. Ao revelar as condições sociais materiais, expressas no fenômeno individual, e ao integrar a análise crítica, ela pode ajudar a descobrir as tendências ideológicas da sociedade real. Ao fazer isso, ao elucidar de modo científico e crítico o caráter contraditório da sociedade contemporânea, a Teoria Crítica contribui para a possibilidade real de mudar as condições humanas. Pesquisas sobre problemas sociais são importantes, como Marcuse apontou em seu prefácio para a segunda edição de *Prophets of Deceit*, para

intensificar e organizar “a luta contra aquelas forças e interesses na sociedade que perpetuam as condições inumanas” (MARCUSE, 1970, p.8). Elas são o momento de práxis da Teoria Crítica numa sociedade onde “o progresso contínuo na estrada para mais prosperidade, conforto e agressão parece estar de mãos dadas com o progresso desse mal” (MARCUSE, 1970, p.8), da intolerância, do preconceito, a visão estereotipada de mundo.

Mudar as condições humanas e a sociedade, essa era a intenção verdadeira dos autores de *The Authoritarian Personality*, cuja esperança era que seu trabalho poderia encontrar “um lugar na história da interdependência entre ciência e clima cultural”, e cujo fim último era de “se tornar de significância prática imediata” ao elucidar as forças que operam na sociedade, e promover a possibilidade de uma nova forma de educação, experiência, autorreflexão e da própria sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. “Scientific experiences of a European Scholar in America”. In *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960*, edited by Bernard Bailyn, and Donald Fleming, 338-370. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1969.

_____. *Negative dialectics*. London/ New York: Routledge, 1973.

_____. “On the *fetish*-character in *music* and the regression of listening”. In *Essays on music*, edited by Richard Leppert, 228-317. Berkeley: University of California Press, 2002.

_____. “The meaning of working through the past”, in *Guilt and defense*, edited by Jeffrey K. Olick and Andrew J. Perrin, 213-227. Cambridge: Harvard University Press, 2010a.

_____. *Lectures on Negative Dialectics*. Cambridge/Malden: Polity Press, 2010b.

_____. “Opinion research and publicness”. In *Group experiment and other writings: the Frankfurt School on public opinion in postwar Germany*, edited by Andrew J. Perrin, and Jeffrey K. Olick, 179-186. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

_____.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, Theodor W, FRENKEL-BRUNSWIK, Else, LEVINSON, Daniel J., and SANFORD, R. Nevitt. *The authoritarian personality*. New York: WW Norton, 1969.

ANTUNES, D.C. *Por um conhecimento sincero no mundo falso: Teoria Crítica, pesquisa social empírica e The authoritarian peronality*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

BETTELHEIM, Bruno; JANOWITZ, Morris. *Dynamics of prejudice: a psychological and sociological study of veterans*. New York: Haper & Brothers, 1950.

CARONE, Iray. “Adorno e a música no ar: the Princeton radio research project”. In *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*, edited by Bruno Pucci, Luis Antônio C. N. Lastória, and Belarmino C. G. Costa. São Paulo: Cortez, 2003.

DRAKE, Ryan. “Objectivity and insecurity: Adorno and empirical social research”. *Philosophy today*. Summer (2000): 99-107.

DUBIEL, Helmut. *Theory and politics*. Baskerville: MIT Press, 1985.

FRANKFURT Institute for Social Research. *Aspects of sociology*. Boston: Bacon Press, 1972.

HORKHEIMER, Max. Preface to *The authoritarian personality*, by Theodor W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel J. Levinson, and R. Nevitt Sanford, ix-xii. New York: WW Norton, 1969.

_____. “Notes on Institute activities”. *Studies in Philosophy and Social Science*, 9 (1941): 121-123.

_____. “The present situation of social philosophy and the tasks of an Institute for Social Research”. In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writings*, edited by G. Frederick Hunter, Matthew S. Kramer, and John Torpey, 1.14. Cambridge/ London: MIT Press, 1995.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. “Research Project on anti-Semitism” *Studies in Philosophy and Social Science*, 9 (1941): 124-143.

HORKHEIMER, Max; FLOWERMAN, Samuel. “Foreword to Studies in Prejudice”. In *The authoritarian personality*, by Theodor W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel J. Levinson, and R. Nevitt Sanford, v-viii. New York: WW Norton, 1969.

JAHODA, Marrie; ACKERMAN Nathan. W. *Anti-Semitism and emotional disorder*. New York: Haper & Brothers, 1950.

JAY, Martin. “Positive and negative totalities: implicit tensions in Critical Theory’s vision of Interdisciplinary Research. In *Permanent exiles: essays on the intellectual migration from Germany to America*, edited by Martin Jay, 107-119. New York: Columbia University Press, 1985. Originally published in *Thesis Eleven*, vol 3 (1981).

_____. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais – 1923-1950*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JENEMANN, David. *Adorno in America*. London/Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

LÖWENTHAL, Leo; GUTERMAN, Norbert. *Prophets of deceit*. New York: Harper and Brothers, 1949.

MARCUSE, Herbert. “Foreword to second edition”. In *Prophets of deceit*, by Leo Löwenthal and Norbert Guterman, v-viii. Palo Alto: Pacific Books, 1970.

MASSING, Paul. *Rehearsal for destruction*. New York: Harper and Brothers, 1949.

OLICK, Jeffrey K.; PERRIN, Andrew J. Introduction to *Guilt and defense: on the legacies of National Socialism in German Society*, edited by Jeffrey K. Olick, and Andrew J. Perrin, 3-44. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

_____. Translator’s introduction to *Group experiment and other writings: the Frankfurt School on public opinion in postwar Germany*, edited by Jeffrey K. Olick, and Andrew J. Perrin, xv-xxxiv. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

WHEATLAND, Thomas. *The Frankfurt School in Exile*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2009.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

WORRELL, Mark P. *Dialectic of solidarity: labor, anti-Semitism, and the Frankfurt School*. Chicago: Haymarket Books, 2009.

ZIEGE, Eva-Maria. *Antisemitismus und Gesellschaftstheorie: die Frankfurter Schule im amerikanischen Exil*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009.

Recebido em 27/02/2014
Aprovado em 19/05/2014